

1. **AGRICULTURA Y REGADÍO EN AL-ANDALUS**
II Coloquio de Historia y Medio Físico
Edición auspiciada por el Instituto de Estudios Almerienses
Diputación Provincial de Almería [AGOTADO]
2. **LA PROSPECCIÓN EN ARQUEOLOGÍA**
II Encuentro de Arqueología y Patrimonio
Edición auspiciada por el Ayuntamiento de Salobreña [AGOTADO]
3. **EL POBLAMIENTO ALTOMEDIEVAL EN LA COSTA DE GRANADA**
Antonio Gómez Becerra
4. **ARQUITECTURA Y ARQUEOLOGÍA MEDIEVAL**
Juan Cañavate Toribio [Ed.] [AGOTADO]
5. **ILLORA, UNA VILLA DE LA FRONTERA GRANADINO-CASTELLANA. ANÁLISIS HISTÓRICO Y ARQUEOLÓGICO**
Antonio Malpica Cuello [Ed.]
6. **EL CASTILLO DE PIÑAR: ANÁLISIS ARQUEOLÓGICO DE LAS ESTRUCTURAS EN SUPERFICIE**
Flor de Luque Martínez
7. **LA ARQUEOLOGÍA MEDIEVAL EN LA ARQUEOLOGÍA**
María de los Ángeles Ginés Burgueño [Ed.] [AGOTADO]
8. **ARQUEOMETRÍA Y ARQUEOLOGÍA MEDIEVAL**
Raffaella Carta [Ed.]
9. **CIUDAD Y ARQUEOLOGÍA MEDIEVAL**
Antonio Malpica Cuello [Ed.]
10. **ESTUDIOS DE CERÁMICA TARDORROMANA Y ALTOMEDIEVAL**
Antonio Malpica Cuello / José Cristóbal Carvajal López [Eds.]
11. **LA OCUPACIÓN DE CUEVAS NATURALES DURANTE LA EDAD MEDIA ANÁLISIS EN EL ENTORNO DE MADÍNAT BĀGUH (PRIEGO DE CÓRDOBA)**
Encarnación Cano Montoro
12. **MEDIO AMBIENTE Y ARQUEOLOGÍA MEDIEVAL**
José María Martín Civantos [Ed.]
13. **LAS CIUDADES NAZARIES. NUEVAS APORTACIONES DESDE LA ARQUEOLOGÍA**
Antonio Malpica Cuello / Alberto García Porras [Eds.]
14. **TERRITORIO Y POBLAMIENTO MEDIEVAL EN EL VALLE DE LECRÍN: LA ALQUERÍA DE PADUL**
J. Félix García Pérez
15. **ARQUEOLOGÍA DE LA PRODUCCIÓN EN ÉPOCA MEDIEVAL**
Alberto García Porras [Ed.]
16. **"ET CEPENDANT LES BERBÈRES EXISTENT". EL POBLAMIENTO BERBÈR EN LA FRONTERA SUPERIOR ANDALUSI [siglos VIII-XII]**
Bilal Sarr
17. **EPIGRAFÍA ÁRABE Y ARQUEOLOGÍA MEDIEVAL**
Antonio Malpica Cuello / Bilal Sarr Marroco
18. **DE PUERTO A CASTILLO. CASTELL DE FERRO Y SU TERRITORIO EN ÉPOCA MEDIEVAL**
Antonio Malpica Cuello / Teresa Koffler Urbano
19. **ARQUEOLOGÍA MEDIEVAL Y RESTAURACIÓN**
Alberto García Porras [Ed.]
20. **EL REGISTRO ARQUEOLÓGICO Y LA ARQUEOLOGÍA MEDIEVAL**
Antonio Malpica Cuello / Guillermo García-Contreras Ruiz [Eds.]
21. **GANADERÍA Y ARQUEOLOGÍA MEDIEVAL**
Sonia Villar Mañas / Marcos García García [Eds.]
22. **ARQUEOLOGÍA MEDIEVAL EN GUADALAJARA. Agua, Paisaje y Cultura Material**
Guillermo García-Contreras Ruiz / Lauro Olmo Enciso [Eds.]
23. **ESTUDIOS DE CERÁMICA MEDIEVAL Y POSTMEDIEVAL**
Alberto García Porras [Ed.]

O Encontro Internacional «O Território e a Gestão dos Recursos entre a Antiguidade Tardia e o Período Islâmico» realizou-se nos dias 10 e 11 de Maio de 2019, integrado na décima edição do Festival Islâmico de Mértola. Foi organizado pelo Campo Arqueológico de Mértola (CAM) e Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património (CEAACP). Teve apoio científico por parte da Universidade de Granada e Pontifício Instituto de Arqueologia Cristã e contributo financeiro da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) e da Câmara Municipal de Mértola.

Este encontro foi um espaço de apresentação de resultados e de debate em torno de diversas investigações científicas realizadas na parte ocidental do Mediterrâneo. A caracterização dos territórios, a gestão dos recursos e o modo como estes se reflectem no povoamento e na economia regional foram abordados na perspectiva da transição entre a Antiguidade e o período Medieval, tendo em conta a longa duração destes tempos históricos.

Este volume reúne 20 trabalhos de 24 investigadores sobre diferentes regiões de Portugal, Espanha, Itália, Marrocos e Tunísia numa investigação que pretende dar início a um debate mais constante sobre esta temática.

Organização:   Centro de Estudos em Arqueologia Artes e Ciências do Património

Apoios financeiros à edição:  REPÚBLICA PORTUGUESA  MÉRTOLA  EDIA  UNIVERSIDAD DE GRANADA  PONTIFICIO ISTITUTO DI ARCHEOLOGIA CRISTIANA  FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia

ISBN: 978-84-122275-1-2
9 788412 227512

O TERRITÓRIO E A GESTÃO DOS RECURSOS ENTRE... Maria de Fátima Palma e Virgílio Lopes [ed.]



MARIA DE FÁTIMA PALMA nasceu em Beja a 12 de Maio de 1982. Arqueóloga e investigadora do Campo Arqueológico de Mértola desde 2005. Atualmente é Bolseira de Doutoramento da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT). Frequenta o Programa de Doutoramento em História e Artes, na linha de investigação «al-Andalus e a Sociedade Feudal», na Universidade de Granada, na temática dedicada à organização do povoamento e do território de Mértola entre os séculos VIII e XIII. Mestrado em Arqueologia e Património pela Universidade de Huelva, em 2010. Licenciatura em História variante de Arqueologia pela Universidade de Évora em 2005. Investigadora integrada no Centro de Estudos em Arqueologia Artes e Ciências do Património (CEAACP) e membro da direção do Campo Arqueológico de Mértola.

VIRGÍLIO ANTÓNIO MARTINS LOPES nasceu em Peredo da Bemposta em 29 Maio de 1966. Arqueólogo e membro da direção e do Campo Arqueológico de Mértola, desde 1990. Investigador do Centro de Estudos em Arqueologia Artes e Ciências do Património; Bolseiro de pós-doutoramento da Fundação para a Ciência e Tecnologia a desenvolver a linha de investigação «O processo de cristianização do sul da Lusitânia – o caso de Mértola». Doutoramento em «Património Histórico y Natural. Investigación, Protección, Difusión y Didáctica», no Departamento de Historia I, Universidade de Huelva, com a dissertação «Mértola e o seu território na Antiguidade Tardia (Séculos IV-VIII)» (2014). Mestrado em História da Arte – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas Universidade Nova de Lisboa (2003). Licenciatura em História Variante de Arqueologia – Faculdade de Letras – Universidade do Porto (1990).

Imagem da capa:
Vista Sul da Vila de Mértola e Rio Guadiana.
Fotografia de Virgílio Lopes.



**ACTAS DO ENCONTRO INTERNACIONAL
O TERRITÓRIO E A GESTÃO DOS RECURSOS ENTRE
A ANTIGUIDADE TARDIA E O PERÍODO ISLÂMICO**

Actas do Encontro Internacional
O Território e a Gestão dos Recursos entre a
Antiguidade Tardia e o Período Islâmico

Maria de Fátima Palma

e

Virgílio Lopes

[ed.]

GRANADA – 2020



Dirección

ANTONIO MALPICA CUELLO
Profesor de Arqueología Medieval de la Universidad de Granada

Grupo de Investigación «Toponimia, Historia y Arqueología
del Reino de Granada»

© Del texto: los autores

© De la presente edición: Alhulia, S.L.
Plaza de Rafael Alberti, 1
Tel./fax: 958 82 83 01
www.alhulia.com • eMail: alhulia@alhulia.com
18680 Salobreña - Granada

ISBN: 978-84-122275-1-2
Depósito Legal: Gr. 1.380-2020

Imprime: Imprenta Comercial

ÍNDICE

Palavras prévias.....	9
MARIA DE FÁTIMA PALMA e VIRGÍLIO LOPES	
A modo de introducción	13
ANTONIO MALPICA	
A Antiguidade Tardia e o Islão.....	17
CLÁUDIO TORRES	
1. ANTIGUIDADE TARDIA	
1.1. Territorio naturale, risorse e paesaggi antropici nella Corsica tardo antica e alto medievale.....	25
GABRIELE CASTIGLIA e PHILIPPE PERGOLA	
1.2. A água entre o Mundo Romano e a Antiguidade Tardia em Mértola VIRGÍLIO LOPES	43
1.3. ¿Una economía «monetaria» sin monedas? Bienes, actividades y ex- ploración del territorio rural en Lusitania tardo-antigua.....	67
ANDRÉ CARNEIRO e NOÉ CONEJO DELGADO	
1.4. La Lusitania tardoantigua en el contexto del exilio.....	83
IRENE SALINERO SÁNCHEZ	
1.5. Práticas funerárias em meio urbano, o caso de Mértola na Antigi- dade Tardia.....	97
CLARA RODRIGUES	
1.6. En relación al conjunto Episcopal de Mérida en época visigoda ¿reutilización secular de un enclave religioso?.....	111
MIGUEL ALBA e RAFAEL SABIO	
2. TRANSIÇÃO ENTRE ANTIGUIDADE TARDIA E ÉPOCA ISLÂMICA	
2.1. <i>Pax Iulia</i> na véspera da Idade Média	151
MARIA CONCEIÇÃO LOPES	
2.2. Paisajes y territorios en metamorfosis. Los Montes Occidentales de Granada entre Antigüedad Tardía y la etapa islámica.....	169
LUCA MATTEI	

2.3. Peuplement, organisation du territoire et gestion des ressources dans les montagnes du sud-est de la Tunisie: de l'antiquité au moyen âge	189
NOURI BOUKHCHIM	
3. PERÍODO ISLÂMICO	
3.1. Sobre los orígenes de las ciudades islámicas y andalusíes	225
ANTONIO MALPICA CUELLO	
3.2. Poblamiento, recursos y circulación de mercancías en el Garb al-Andalus: la contribución de la cerámica.....	243
SUSANA GÓMEZ MARTÍNEZ	
3.3. Poblamiento y tráfico comercial entre el Magreb al-Aqṣà y el Bilād al-Sūdān. Algunas reflexiones para el debate (VIII-XIV)	273
BILAL SARR	
3.4. Silos no meio da rua? Rede viária e infraestruturas de armazenamento e saneamento na Silves islâmica	299
MARIA JOSÉ GONÇALVES e CARLOS PEREIRA OLIVEIRA	
3.5. Um território, múltiplos recursos. Dados para a investigação em época islâmica no termo de Mértola	321
MARIA DE FÁTIMA PALMA	
3.6. Los Distritos Mineros de al-Andalus.....	361
JUAN AURELIO PEREZ MACÍAS	
3.7. La répartition administrative et le concept de la madīna en extreme Gharb <i>andalūsī</i> d'après les sources géographiques arabes	399
EMNA BOUHOUEL	
3.8. Territorio y asentamientos en el Rif Oriental Medieval: Ghassasa y Tazouda	413
YAIZA HERNÁNDEZ CASAS, BILAL SARR e LUCA MATTEI	
3.9. O Sistema defensivo islâmico do território de Alcácer do Sal – Abordagem preliminar.....	437
MARTA LEITÃO	
3.10. O espólio medieval islâmico do sítio arqueológico da igreja de São Lourenço (Mouraria, Lisboa).....	461
ANDREIA RODRIGUES	
3.11. Peuplement et organisation du territoire dans la region de Djebel Zaghouan (Nord-Est Tunisie).....	487
MERIEEM MARZOUKI	

**¿UNA ECONOMÍA “MONETARIA” SIN MONEDAS? BIENES,
ACTIVIDADES Y EXPLORACIÓN DEL TERRITORIO RURAL
EN LUSITANIA TARDO-ANTIGUA**

ANDRÉ CARNEIRO ¹
UNIVERSIDADE DE ÉVORA

NOÉ CONEJO ²
UNIVERSIDAD DE SEVILLA

¹ Departamento de História da Universidade de Évora, Investigador integrado no CHAIA-UÉ e colaborador do CECH/FLUC. ampc@uevora.pt. ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0824-3301>.

² Miembro del grupo de Investigación “De la Turdetania a la Bética” (HUM-152) del Departamento de Prehistoria y Arqueología de la US. Investigador integrado en UNIARQ de la Universidade de Lisboa. ccvdenoe@hotmail.com. ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4367-5695>

Resumen

La Antigüedad Tardía es un tiempo de transformaciones en el sistema económico del medio rural en Lusitania. Asistimos al abandono de yacimientos rurales de dimensión media – conocidos como «casais agrícolas» – mientras las *villae* progresivamente monopolizan el paisaje, con programas constructivos cada vez más elaborados y monumentales. Estos centros productivos se encuentran perfectamente insertos en los circuitos de intercambio de media y larga distancia de la economía mediterránea, ya que en estos lugares aparecen producciones y alimentos de gran calidad, encuadrados en un consumo suntuario bien definido. En esta perspectiva, la moneda adquiere un papel fundamental como testimonio inmediato de este sistema de transacciones económicas. El fin del abastecimiento monetario documentado a finales del siglo IV no implicó el abandono del consumo de determinadas mercancías y, por tanto, de la economía de base monetaria. La perduración de la moneda antigua favoreció la continuidad de este modelo económico tradicional en las sociedades rurales, habituadas a su uso desde antes de la creación del Imperio. Partiendo de un estudio de caso – la excavación de la *villa* romana de Horta da Torre, en el concelho de Fronteira – pretendemos analizar estas tendencias y adaptaciones, donde creemos observar reconversiones y el mantenimiento de algunas estructuras económicas; muy bien evidentes en este lugar tras su abandono durante el siglo V.

Palabras claves

Lusitania, villa, economía rural, moneda, economía monetaria.

Abstract

Late Antiquity is a time of transformations in the economic system of the rural environment in Lusitania. During this period several rural archeological sites of medium size are abandoned (known as «casais agrícolas») while the *villae* progressively monopolize the landscape, with increasingly elaborate and monumental construction programs. These production centers are perfectly inserted in the medium and long distance exchange circuits of the Mediterranean economy, since these places produce high quality food and productions together with sumptuary consumption. In this perspective, the currency acquires a fundamental role as an immediate testimony of this system of economic transactions. The end of the monetary supply at the end of the fourth century did not imply the abandonment of the consumption of certain goods and, therefore, of the monetary-based economy. The enduring of the old currency favored the continuity of this traditional economic model in rural societies, accustomed to its use since before the creation of the Empire. Starting from a case study - the excavation of the Roman villa of Horta da Torre, in the municipality of Fronteira - we intend to analyze these trends and adaptations, where we believe we observe reconversions and the maintenance of some economic structures; very well evident in this place after its abandonment during the 5th century.

Key words

Lusitania, villa, rural economy, currency, monetary economy.

1. La *villa* romana de Horta da Torre (Fronteira)

Las excavaciones arqueológicas en curso desde 2012 en la *villa* de Horta da Torre (freguesia de Cabeço de Vide) han permitido identificar una transición en las formas de organización de la vida rural entre los siglos IV y VI; sobre todo en lo que se refiere al sistema económico y en las actividades de tipo cotidiano. Al proceso de abandono de Horta da Torre durante el siglo V, le sigue una o varias reocupaciones que materializan nuevas formas de habitar y sobrevivir. El registro arqueológico documentado demuestra una serie de cambios evidentes desarrollados durante casi un siglo, los cuales son para nosotros de gran utilidad para poder conocer mejor qué sucede en los campos lusitanos a finales del Imperio Romano.

Los resultados de las excavaciones han sido publicados lo más rápido posible, aunque asumimos que es necesaria una maduración de los datos obtenidos, los cuales presentan gran complejidad. De este modo, Horta da Torre ha sido integrada en un análisis más general del proceso llamado «final de las *villae*» (CARNEIRO: 2017), generando así trabajos donde se destaca la opulencia y la originalidad del programa iconográfico de la sala principal (CARNEIRO: 2019a), la descripción de los resultados de las últimas excavaciones (CARNEIRO: en prensa a) y, de especial interés para este trabajo, un examen de los patrones de cambio económico documentados (CARNEIRO: en prensa b) con un análisis exhaustivo del registro osteológico recuperado (VALENTE y CARNEIRO: en prensa). El estudio del territorio circundante fue efectuado antes del inicio de las excavaciones (CARNEIRO: 2014) y ha sido complementado en los últimos años gracias a un proyecto de prospecciones super-intensivas y detección remotas que han aportado resultados de gran relevancia (CARNEIRO, GARCÍA SÁNCHEZ, STEK, KALKIERS: 2019). De este modo, nuestro trabajo presenta de forma resumida algunos datos de interés para el debate de las transformaciones tardías en Lusitania, una información que el lector podrá ampliar en las publicaciones citadas.

1.1. *La villa de Horta da Torre como escenario de transformación: de monumento a ruina*

De forma resumida, podemos decir que las estructuras arquitectónicas descubiertas desde 2012 en Horta da Torre pertenecen a un gran espacio de representación de

grandes dimensiones construido por un propietario rural del centro de Lusitania. Antes de los trabajos de excavación, ya eran visibles algunas cabeceras de muro que fueron identificadas más tarde con una estancia absidiada. Posteriormente, las excavaciones permitieron documentar un doble ábside que coronaba una gran sala monumental con un amplio *stibadium* de obra. Los trabajos de geo-radar efectuados desde 2018 ayudaron a confirmar que esta sala no corresponde al espacio central de la *villa*, como inicialmente se había pensado, sino a una estructura periférica de un amplio complejo residencial de tres hectáreas que era organizado en torno a dos patios, con evidentes paralelos en la vecina *villa* de Torre de Palma (Monforte) (LANCHA y ANDRÉ: 2000).

La sala del *stibadium* presenta una de las soluciones arquitectónicas más originales de todos los espacios con *stibadium* documentados en los últimos años en el Mediterráneo (una «splotione di *stibadia*» en palabras de VOLPE: 2019, 215-222). El pavimento de esta sala no está construido en mosaico, como se observa en las *villae* de la región, sino en *opus signinum*, por lo que no existe un paralelo con los casos conocidos. Por otra parte, el derrumbe de la sala estaba repleto de fragmentos de *opus tessellatum*, los cuales seguramente formaban parte del revestimiento parietal. Entre estos paneles musivarios y el piso en *opus signinum* también fueron halladas placas de mármol de grandes dimensiones, las cuales formarían un amplio rodapié en toda la sala. La utilización en esta sala de un pavimento poco noble pero sumamente impermeable nos permite pensar que este espacio podía inundarse, ya que en la parte trasera del *stibadium* existe una compuerta que funcionaba como fuente. El efecto visual creado por un fino espejo de agua sería reforzado por la presencia de



Fig. 1. Horta da Torre en el final de la excavación en 2019. Foto de drone por Jesús García Sánchez

plantas acuáticas representadas en los mosaicos y por un pequeño friso en mármol, único superviviente de la solución arquitectónica que remataba las paredes de la sala. Todos estos elementos arquitectónicos y decorativos generaban un interesante juego de escenarios configurados en torno a un único discurso decorativo. La utilización de la sala como un *cenatio aestivalis* parece ser el elemento concordante con estos patrones y con el consumo documentado en Horta da Torre.

La sala está precedida por un gran peristilo donde continúa siendo evidente el exquisito tratamiento arquitectónico y decorativo. Conectando las bases de las columnas de este peristilo, fue encontrado *in situ* un murete que mantenía una conducción de agua en forma de exedra. En el espacio anexo, ha sido documentado otro peristilo de dimensiones menores y que parece tener un carácter mucho más privado que las anteriores estructuras. Este se encuentra conectado con un *cubiculum* pero hasta hoy es conocido solo parcialmente. En esta área la función del agua también es evidente, ya que una fuente es la que conduce el agua hacia el *impluvium* documentado en el centro de este peristilo.

A pesar de la complejidad decorativa de tales espacios, en algún momento de mediados del siglo V, estos pierden su función y son abandonados. El proceso fue planeado: en ningún momento la excavación permitió identificar situaciones de incendio, de destrucción, de ocultamientos o actividades de carácter violento. Sin embargo, no estamos ante el abandono definitivo de la *villa*. En un espacio de tiempo no superior a dos generaciones – calculamos no más de 50 años – todas las áreas hasta el momento excavadas denotan señales de presencia humana, las cuales corresponden a procesos de reocupación de la *villa* cuando se encontraba ya abandonada y casi en ruina.

El elemento más evidente de la presencia post-abandono registrada en Horta da Torre es la perforación del pavimento de *opus signinum* para la construcción de un abrigo con materiales perecederos. Creemos que para ello fueron utilizados postes de madera, ya que esta construcción originó orificios amplios y profundos en la sala del *stibadium*. Esta estructura – con una «planta en forma de barca» – ocupó casi la mitad de la superficie de la sala y es muy diferente a los conceptos ortogonales clásicos. En algún momento previo o durante esta fase, todas las placas de mármol que servían de revestimiento parietal fueron arracadas; un comportamiento muy similar al observado en *villae* situadas en otras regiones (MUNRO: 2012, 365).

Las evidencias de ocupación post-abandono son también visibles en la identificación de espesas capas originadas por acumulaciones de residuos y basureros. En el interior del gran peristilo, donde probablemente existió un jardín, tenemos innumerables elementos óseos de animales con marcas de corte y consumo. Estos restos se

encuentran asociados a fragmentos de recipientes de factura grosera y con evidentes marcas que demuestran su utilización en ambientes culinarios. Esta misma situación también es observable en el peristilo pequeño, donde ha sido hallada una espesa capa que muestra la utilización de este espacio como un basurero, con un sedimento oscuro repleto de cerámicas toscas para uso culinario, fragmentos de *dolia* para almacenar alimentos y varios restos óseos, incluidas mandíbulas. La existencia de varios *dolia* es relevante, pues demuestra la transformación del uso de este espacio, que dejó de tener una utilidad relacionada con el descaso para convertirse en un lugar destinado al almacenamiento de productos de consumo doméstico. Relacionado con esto último, fueron descubiertos fragmentos de molinos para la realización de harina, por lo que los cereales seguían teniendo cierta importancia en la dieta de estos moradores. Tampoco podemos olvidar otras actividades económicas como las de carácter pastoril, ya que en el revestimiento del *impluvium* del pequeño peristilo fueron hallados unas discretas marcas – y un orificio central de mayores dimensiones – que indican la presencia de una estructura de reducido tamaño, tal vez para la guarda y protección de ganado ovicáprido.

1.2. *La villa de Horta da Torre como escenario de transformación: del consumo suntuario a la economía pastoril*

Los datos del repertorio osteológico documentado en Horta da Torre fueron trabajados en totales cuantificados relativos a las cuatro primeras campañas de excavación. Desde 2015 se ha recogido un amplio conjunto de restos, los cuales están siendo analizados en la fase de estudio ahora iniciada. Los datos proporcionados por este análisis son muy relevantes, aunque no procedan de estratos sellados (que permiten trabajar con los preceptos metodológicos expuestos por BERMEJO TIRADO: 2014, 57-64), sí documentan transformaciones relevantes y presentan coherencias intrínsecas.

En este estudio se han seleccionado dos unidades estratigráficas: la [UE16] conciernen a una capa sobre el pavimento del pequeño peristilo, en el cual fueron recogidos abundantes restos de consumo doméstico que corresponden a la fase de reocupación; la [UE22] se encontraba en el interior de la sala del *stibaidum*, y pertenece al sellado de la sala por el derrumbe, el cual ocupó toda la extensión de la estancia. Los resultados completos ya fueron presentados (VALENTE y CARNEIRO: en prensa; CARNEIRO: en prensa b) pero merecen una nueva reflexión.

A pesar de las limitaciones del estudio, los datos concuerdan con lo que se conoce en otras regiones del Imperio (SALVADORI: 2011): una profunda transformación en los hábitos de consumo y de subsistencia. Así pues, la sala del *stibadium* parece conservar un registro híbrido, que también concuerda con lo observado en el repertorio cerámico

		UE16 (peq. peristilo)			UE22 (sala)			Total		
		NRD		NMI	NRD		NMI	NRD		NMI
<i>Oryctolagus cuniculus</i>	Conejo salvaje	13	9,1%	3	1	3,1%	1	14	8,0%	4
<i>Canis familiaris</i>	Perro	1	0,7%	1				1	0,6%	1
<i>Equus caballus</i>	Caballo	1	0,7%	1	9	28,1%	1	10	5,7%	2
<i>Sus</i>	Cerdo/javali	37	25,9%	2+2	7	21,9%	1	44	25,1%	3+2
<i>Cervus elaphus</i>	Venao	2	1,4%	1	4	12,5%	1	6	3,4%	2
<i>Dama dama</i>	Gamo	3	2,1%	1	1	3,1%	1	4	2,3%	2
<i>Bos taurus</i>	beuy/vaca	22	15,4%	2	5	15,6%	1	27	15,4%	3
<i>Capra hircus</i>	Cabra	6	4,2%	5+1				6	3,4%	6+1
<i>Ovis aries</i>	Oveja	3	2,1%					3	1,7%	
<i>Ovis a./Capra h.</i>	cabra/oveja	55	38,5%		5	15,6%	1	60	34,3%	
Total		143	—	16+3	32	—	7	175	—	23+3

Tabla con el número y porcentaje de especies documentadas en el peristilo pequeño (UE16) y la sala del *stibadium* (UE 22)

hallado. Teniendo en cuenta los datos de la tabla está bien documentado el consumo suntuario a través de la práctica de la *venatio*: la caza alcanza un 15% del total, siendo evidente el contraste con el conjunto aportado por el pequeño peristilo, en el cual representa una proporción casi residual (3%). Este patrón concuerda también con una gran cantidad de conchas de ostra (*Ostrea*), almejas (*Ruditapes decussates*), berberechos (*Cardiidae*) y bigaros (*Mollusca gasterópoda*, posiblemente *Baccinum*). Además en la [UE22] fueron hallados un número considerable de équidos que pueden corresponder al momento en el que la sala fue reocupada por la construcción de madera; algo muy parecido a lo observado en el yacimiento de El Val (Alcalá y Henares) (RASCÓN MARQUÉS, MÉNDEZ MADARIAGA, DÍAZ DEL RÍO: 1991).

Por lo que respecta al registro del peristilo pequeño, ha sido documentada otra realidad. Los porcentajes de *Ovis* e *Capra* aumentan considerablemente durante el periodo de reocupación de la *villa*, pasando de un 15% a un 45; por el contrario, las especies relacionadas con la práctica de la *venatio* desaparecen. Mientras que los suidos crecen ligeramente, los bóvidos parecen estabilizarse (16%), aunque hay que resaltar que la mayoría de los casos pueden pertenecer a un mismo individuo abatido en edad senil, lo cual indicaría que fue utilizado hasta el límite de su capacidad de trabajo. Al contrario de lo registrado en la sala del *stibadium*, los ejemplares recogidos en el peristilo pequeño presentaban marcas de carbonización a baja temperatura y de corte, posiblemente derivado de su consumo en asados y guisos. La propuesta es coherente con los tipos de fragmentos cerámicos recogidos: ollas de perfil en S con evidentes marcas de fuego que habrían sido utilizadas en el cocinado de estos alimentos.

2. La desestructuración del modelo económico imperial: ¿de lo complejo a lo simple?

En Horta da Torre hemos documentado un momento de transición del paradigma especializado de «savoir-faire» y las competencias técnicas de una economía-mundo que caracterizaron las *villae* de Lusitania, hacia una realidad totalmente distinta en la cual impera un modelo agropecuario extensivo de «banda larga».

Con excavaciones cada vez más afinadas en el proceso de identificación y registro, este patrón de transformación se torna cada vez más nítido: el 70% de las *villae* de Britania muestran indicadores de presencia post-imperial que abandonan sistemas económicos complejos a favor de otros más simples (Jamie Dodd, comunicación personal); lo mismo en la península italiana, donde se advierte esta misma dinámica en un 40% de las *villae* bajoimperiales (CASTRORAO BARBA: 2014, 264-265). Para el caso lusitano, estos procesos son muy mal conocidos, pero una revisión de los datos podrá seguramente crear un nuevo nivel de lectura mucho más afinado y distante de los conceptos de «colapso» o de «continuidad», los cuales han otorgado a tales procesos una interpretación demasiado lineal.

El abandono de las áreas residenciales de las *villae* del centro de Lusitania no supuso la ruina total de los edificios, ya que estos pasan a ser reocupados por otras personas, quienes convierten de nuevo estos lugares en *hotspots* o centros de actividad. Estos individuos, ya residentes en el territorio circundante, debieron ser trabajadores que, por cuenta propia o al mando de otros, se dedicaron a una actividad económica de poca especialización, centrada sobre todo en el pastoreo. Esto supondría una cotidianeidad con una mayor movilidad, con indicadores de subsistencia más bajos y relaciones más fluidas con el territorio, aprovechando también los sitios abandonados como lugar de abrigo y como fuentes de recursos disponibles (CHAVARRÍA: 2013, 141). Esta movilidad sería reforzada con la cría de ovicápridos, ya que estos animales presentan muchas ventajas desde un punto de vista económico y territorial. El ganado ovicáprido es de gran resistencia si lo comparamos con la cabaña suida, además su cría generaba estrategias de mínimo riesgo y permitía la obtención de leche, queso y lana (en el caso de las ovejas).

Los cambios en las estrategias de producción y consumo observados también estaban relacionados con transformaciones en otro tipo de hábitos, prácticas y pensamiento económicos, sobre todo en lo que se refiere al uso de la moneda. A finales del siglo IV se produce la llegada a territorio hispano de un gran contingente monetario acuñado en bronce. Nos referimos a los AE2 acuñados en época valentiniana (378-383) – también con el usurpador Magno Máximo (383-388) – con el tipo *Reparatio Reipvb* y los del tipo *Gloria Romanorum*, emitidos bajo Teodosio y sus hijos (392-395). Estas emisiones bronceas tendrán un gran impacto en las zonas costeras de la península

donde generarán un gran dinamismo económico (RIPOLLÈS: 2002, 212). Del mismo modo también tendrán su efecto en todo el territorio lusitano, donde circularán con fluidez y cantidad en el tiempo, como así han demostrado la enorme cantidad de hallazgos documentados (GARCÍA FIGUEROLA: 1999).

Tras la muerte del emperador Teodosio, la situación monetaria de la península Ibérica cambia sustancialmente, ya que se produce el fin del aprovisionamiento monetario de estos territorios (CEPEDA: 2000, 167). Autores como Cepeda han propuesto que este hecho pudo sentirse esencialmente en las sociedades rurales, donde la moneda adoptó un rol puntual al ser utilizada solamente para el pago de rentas o imposiciones. Este hecho explicaría la existencia de tesoros en muchas *villae*, fruto de una acumulación monetaria programada y destinada a efectuar alguno de estos pagos (CEPEDA: 2000, 175). Al hilo de esta interpretación, también podríamos considerar que la moneda desaparecería de las actividades cotidianas y que muchas de estas sociedades rurales adoptarían prácticas de base natural, apostando por actividades como el trueque. Sin embargo, creemos que la situación fue mucho más compleja de lo que parece por varias razones que desarrollaremos a continuación. En primer lugar por las evidencias numismáticas que demuestran la utilización de moneda en contextos cotidianos de los siglos V y VI. En segundo, la existencia y aplicación de equivalencias monetarias a todo tipo de transacciones, un hecho que prueba que la transición entre una economía monetaria a una más simple no fue un proceso rápido, sino lento, complejo y diferente según cada región.

Varios autores han advertido la presencia de moneda de los siglos III y IV en contextos hispanos de los siglos V y VI (MAROT: 2000-2001, 135; RIPOLLÈS: 2002, 212-214). Estos hallazgos han demostrado que estas piezas no tenían un carácter residual, sino que circularon mucho tiempo después de su acuñación, siendo realmente utilizadas en transacciones económicas a pesar de haber perdido su valor original. Esta práctica no era novedosa en el mundo hispano pues ya había sido advertida en otros momentos del siglo III, cuando la falta de renovación monetaria favoreció el uso continuo de grandes broncees acuñados en el siglo II (RIPOLLÈS: 2002, 205; RUIVO: 2008, 276-277). En el caso que nos compete, la situación es similar. El hallazgo de estas piezas en varios contextos post-clásicos demostraría los intentos de una sociedad en mantener las estructuras económicas conocidas y no una rápida adopción de prácticas de base natural como es el trueque. Eso también estaría en relación con otros materiales asociados a estos hallazgos monetarios, un hecho que permite pensar que estas monedas no tienen en los contextos un carácter puntual sino efectivo.

Ejemplos de gran interés son los advertidos en contextos urbanos de Lusitania, los cuales demuestran un uso muy tardío de piezas bajoimperiales. En *Olisipo* (Lisboa) fue hallado un AE2 de época teodosiana (392-395) junto un fragmento de ánfora LR1; un tipo cerámico de origen oriental que suele fecharse a caballo entre los siglos

V y VI (FABIÃO: 2009, 27). Este hallazgo demostraría que piezas acuñadas a finales del siglo IV seguían en uso durante los siglos V y VI; por lo que las sociedades urbanas también mantuvieron una economía monetaria a pesar de la ausencia de renovación monetaria. Lo mismo debió suceder en la ciudad de *Conimbriga* (Condeixa-a-Nova) donde fueron halladas en dos pequeños depósitos monetarios varias monedas partidas de época bajo imperial. Marot, que dató este hallazgo en el siglo VI, interpretó estas piezas como un claro ejemplo de necesidad de moneda divisionaria dentro de una economía monetarizada (MAROT: 2000-2001, 151).

En un primer momento podríamos pensar que la conservación de una economía monetaria sin renovación de numerario debía ser habitual en contextos urbanos. En estos lugares las transacciones comerciales serían mucho más numerosas y difíciles de solucionar con prácticas no monetarias, como sí podría suceder en el mundo rural. Sin embargo, pensar que las sociedades rurales de Lusitania adoptaron rápidamente prácticas de economías simples como respuesta al fin del aprovisionamiento monetario, podría ser considerada una falacia. El hallazgo de monedas de los siglos III y IV en contextos rurales tardíos probaría que la moneda de bronce era usada en las transacciones comerciales de tipo cotidiano, siendo reservadas las de mayor valor para otro tipo de pagos, como así mantiene Cepeda (2000, 175).

En Horta da Torre tenemos uno de estos ejemplos. Podemos considerar un AE4 atribuible a los hijos de Constantino (336-355) hallado en la UE16, es decir, en el interior de una amplia capa de restos de consumo doméstico que amortizaba el peristilo pequeño y que correspondía a la fase de reocupación tardía de la *villa*. El hallazgo de esta moneda probaría que los reocupadores de la *villa* seguían utilizando las estructuras de una economía monetarizada. Este ejemplo se encuentra muy en la línea de otros casos – también rurales – en los que la cerámica nos ha permitido conocer con mayor precisión hasta cuándo estuvieron en uso algunas piezas del siglo III y IV. Así pues son interesantes dos antoninianos, uno de Galieno y otro de imitación del tipo *Divo Claudio* (260-270), hallados junto a un vaso de TSHT Drag. 37t (siglo V) en Saelices el Chico (Salamanca) (DAHÍ, MARTÍN CHAMOSO: 2005); un AE4 de los hijos de Constantino (336-355) junto a un fragmento de TSA-D Hayes 91b fechada entre el 450-530 en Quinta das Longas (Elvas) (ALMEIDA y CARVALHO: 2005, 348); un AE2 de Graciano o Valentiniano II (378-383) junto un fragmento de TSA Hayes 64 datado en entre el 400-450 y otro de TSA Hayes 89 cuya cronología estimada es del 450-500 en São João/Laranjeira (Seixal) (SANTOS: 2009) y un fragmento de TSA-D de Hayes 67B datada entre el 400-450 asociado al conjunto de 68 AE2 (378-392) documentado en Freiria (Cascais) (CARDOSO: 2016, 255).

Del mismo modo que la cerámica nos aporta una datación muy precisa de tales hallazgos numismáticos, también nos muestra un indicador de consumo muy inte-

resante a considerar. Y es que, la aparición de estas piezas en estos contextos tardíos y rurales mostraría una continuidad en la demanda de productos de fabricación foránea y en la inclusión del mundo rural en los circuitos comerciales del momento. Es muy probable que estas redes hubiesen menguado por la nueva coyuntura económica, pero esta no implicó su total desaparición. El hallazgo de cerámicas de procedencia oriental e incluso moneda acuñada por la autoridad bizantina en otros yacimientos lusitanos y rurales probaría tal continuidad ya en el siglo IV (FABIÃO: 2009, 34,37).

Otro elemento relacionado con el mantenimiento de la economía monetaria y que creemos se incrementó durante los siglos V y VI fue el uso de las equivalencias. Estas habían tenido un gran desarrollo mucho tiempo atrás y era un sistema de operaciones matemáticas que permitía a los usuarios conocer el valor monetario de sus productos, de la rentabilidad de los pagos en moneda o en especie o incluso calcular beneficios y rendimientos. Existen un gran número de ejemplos en el Egipto romano del siglo III, donde los propietarios y gestores de los grandes dominios utilizaban la moneda como elemento de cuenta para calcular el margen de beneficio de sus cosechas, transacciones e incluso salarios (RATHBONE: 1991, CARRIÉ: 2003). Este sistema de equivalencias nos muestra una economía doméstica y rural mucho más compleja de lo que pensamos, la cual se mantuvo hasta bien entrada la época tardo-antigua.

Visto el caso egipcio ¿podieron darse estas prácticas también entre la sociedad lusitana bajo imperial? No podemos afirmar con exactitud que la manera egipcia de gestionar los grandes dominios fuera la misma que la utilizada en la Lusitania de los siglos III y IV. Primeramente porque no disponemos de una documentación tan detallada en esta provincia – y en el resto de Hispania – como la proporcionada por los papiros egipcios. Pero esta ausencia no niega que en estos territorios se utilizaran sistemas de contabilidad y de equivalencia similares. Una fuente de información para Lusitania sobre esta cuestión son las pizarras visigodas. Aunque sus hallazgos suelen fecharse en época tardía o incluso medieval, en los últimos años han aparecido ejemplos en contextos secundarios datados en el siglo IV (DAHÍ ELENA: 2007), por lo que ya no solo se consideran – entre otras interpretaciones – documentos de carácter fiscal y/o recaudatorio; sino también ejemplos de una contabilidad y sistema de equivalencias vigentes en época anterior (DÍAZ, MARTÍN VISO: 2011, 225-226).

A finales del siglo IV y durante los siglos siguientes, la importancia de la moneda del oro en todo tipo de transacción económica (CARLÀ: 2009, 283-284) favoreció el mantenimiento de un sistema de equivalencias, que seguramente no difirió del usado anteriormente. La propia legislación teodosiana recoge varios casos que así lo demuestran, siendo los más frecuentes los que hacen referencia a la cantidad de moneda de bronce necesaria para la obtención de moneda de oro (*CTh.* 11.21.2, *CTh.* 11.21.3). Este hecho encajaría con la interpretación efectuada por Cepeda sobre la presencia

de tesoros en algunas *villae* de Lusitania (CEPEDA: 2000, 175). Pero también el metal amarillo jugó un papel fundamental en el nuevo orden establecido tras la caída del Imperio Romano. Los autores que han estudiado las pizarras visigodas datadas en los siglos V, VI y siguientes, demostraron que las sociedades rurales del norte de Lusitania tenían que contribuir habitualmente con pagos efectuados en especie. Las pizarras muestran las cantidades exactas de vino, cereal o ganado que tenían que aportar los contribuyentes. Aunque las referencias a moneda de oro son escasas, en ocasiones pueden establecerse equivalencias entre estas cantidades y piezas monetarias (DÍAZ, MARTÍN VISO: 2011, 223-226). En la región donde se sitúa el yacimiento de Horta da Torre no hemos documentado aún ejemplos de este tipo de contabilidad, pero sí una continuidad en la explotación de los recursos. Ejemplo evidente es la cría de ganado en esta *villa*, pero también la producción de vino – posiblemente bajo la dirección de la jerarquía eclesiástica – en la vecina Torre de Palma (CARNEIRO: 2019b). Creemos evidente que los moradores de ambos lugares – sin saber hoy si debían contribuir como los casos de Lusitania nororiental – llevaban un control exhaustivo de tales producciones a través de un sistema de contabilidad heredado, sabiendo perfectamente a cuánto equivalían en oro las cantidades producidas, y demandado el metal amarillo en posibles ventas. La obtención de oro a través de estas actividades, les permitiría hacer frente a posibles impuestos; además de la adquisición de mercancías –cerámicas entre otras – que no podían pagarse con la moneda bronce ni tampoco con actividades económicas de base natural.

Los hallazgos de moneda de oro en estos territorios son escasos pero esto no significa que la circulación fuese limitada. Tengamos en cuenta que existen hallazgos de moneda visigoda en Lusitania que probarían que el uso del oro en época tardía no estaría reservados únicamente a las élites, sino que también eran utilizados en transacciones de tipo comercial (METCALF: 1988, 17, 24). A esto, habría que añadir ejemplares auríferos acuñados en época romana que aún seguirían estando en circulación y otros acuñados bajo poder bizantino. Tanto unos como otros individuos monetarios, eran fácilmente reconvertibles, y esto ha limitado considerablemente el número de hallazgos. Por ello debe considerarse su uso, ya que es otro argumento que mostraría la continuidad en época tardía de unas estructuras monetarias imperiales.

La existencia de equivalencias entre la moneda de bronce, el oro y otros productos, el uso continuado de monedas antiguas y la reconversión y adopción de nuevos patrones productivos, nos permiten considerar que la desestructuración del modelo económico imperial no fue un proceso simple. Apostar por actividades productivas que minimizaran el riesgo de pérdida y con las que se alcanzara la máxima rentabilidad, muestra ya una estrategia económica sencilla pero a la vez compleja por la importante inversión de tiempo que se necesita para la obtención de los beneficios. Este hecho

es el que justifica el aprovechamiento del espacio inmediato y la especialización de la producción. Del mismo modo la estimación en moneda de estos beneficios y el uso de monedas antiguas para posiblemente más actividades de las que creemos, probaría que las prácticas económicas simples, como el trueque, no serían tan frecuentes como hipotéticamente se ha creído. Por lo tanto, estamos ante unas sociedades herederas de unos patrones económicos que han sabido amoldar y mantener en función de su necesidad.

3. Consideraciones finales

Las diferentes fases de ocupación advertidas en Horta da Torre prueban que en el periodo conocido como “el fin de las *villae* en Hispania” no responde ni a un colapso de la economía ni tampoco a un procedimiento simple y lineal. Este proceso no fue único en esta *villa* del centro de Lusitania, ni tampoco es uniforme ni en esta provincia ni en el resto de Hispania. Por lo tanto, no debemos caer en la tentación de realizar generalizaciones abusivas que adulteren sustancialmente cómo fue tal proceso, sobre todo por la gran variedad de casos existentes. Un ejemplo interesante lo podemos observar en el vecino yacimiento de Torre de Palma, donde se han observado señales de un gran dinamismo en la misma fase en la que Horta da Torre entra en proceso de decadencia. Por ello mismo, resulta complicado poder definir un patrón de abandono en una región donde en muy poca distancia son advertidas diferencias considerables entre uno y otro yacimiento. Y más aún si consideramos que Horta da Torre es uno de los dos sitios dotados de mejor accesibilidad de toda la región (contacto visual con un posible ramal de la vía XIV del Itinerario Antonino), además de dominar ricos recursos en su área circundante, como buenos suelos agrícolas y abundantes acuíferos (no descartando la exploración de alguna mina). Por consecuencia, creemos que este proceso de abandono y reocupación solo afectó a territorios periféricos y marginales.

A su vez, el mismo proceso pudo contar con múltiples factores que posiblemente nunca conozcamos con precisión: cambios de propietarios, extinción del linaje familiar, o el simple desinterés o incapacidad de un dueño en la gestión de esta propiedad, concretamente en la imposibilidad de mantener infra-estructuras complejas en funcionamiento. Esto también se observa en los centros urbanos, con el generalizado colapso en las redes de saneamiento y el abastecimiento de agua. En este sentido, los establecimientos rurales dedicados al *otium*, a la ostentación y a la auto-representación de los respectivos propietarios dejaron de tener sentido, sobre todo por el elevado coste de su mantenimiento. Pero tampoco podemos obviar el impacto de una contracción de las redes comerciales en las áreas rurales, motivadas estas por una caída de la demanda de productos en mercados urbanos, a consecuencia de una disminución de la demanda de los consumidores de la ciudad. Es probable que la producción especializada generada en

muchos sitios rurales dejara de ser rentable por el descenso de demanda urbana y que esto fomentara el fin de la producción, su abandono y/o su reconversión.

A los factores que en cierta medida pueden explicar el abandono de estos edificios rurales construidos en su mayoría durante finales del siglo III y todo el siglo IV, hay que añadir otras alteraciones de tipo político, social, económico que también son difíciles de precisar pero que favorecieron el fin de algunos sitios y la potenciación de otros. En este periodo de cambio, las sociedades rurales que habitaban y trabajaban tales territorios tuvieron que afrontar y adaptarse a un nuevo periodo de mutaciones políticas y económicas. Algunos de estos implicarían la reconversión de actividades productivas conocidas y otros conllevarían el mantenimiento de otras estructuras carentes de alternativa.

Los sitios abandonados, muy apreciables en el paisaje por su *massa* imponente, tendrán una segunda oportunidad al ser re-ocupados por estas sociedades rurales. Estos edificios ruinosos servirán a estos grupos de abrigo, de protección, de hogar e incluso como foco de atracción por los recursos que les ofrecen, al menos durante un tiempo. Dada la complejidad de las transformaciones y de las adaptaciones, la variedad regional y la particularidad de cada yacimiento, es necesario conocer a fondo el registro arqueológico de cada caso, ya que esto nos aporta una información privilegiada que nos permite reconstruir estos procesos con diferentes perspectivas. Por este mismo motivo, el caso de Horta da Torre es más que relevante, pues el estudio preciso de cada una de sus fases nos ha permitido conocer con mayor acercamiento, cómo fue el proceso de reocupación de las *villae* en el centro de Lusitania y cómo se realizó en parte la adaptación y reconversión de las sociedades rurales de esta provincia romana.

4. Bibliografía

- ALMEIDA, Maria Jose; CARVALHO, Antonio (2005): «Villa romana da Quinta das Longas (Elvas, Portugal): A lixeira baixo-imperial», *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 8, pp. 299-368.
- BERMEJO TIRADO, Jaime (2014): *Arqueología de los espacios domésticos romanos: condiciones de vida y sociedad en la Meseta nordeste durante el período imperial*, Soria.
- CARLÀ, Philippo (2009): *L'oro nella tarda antichità: aspetti economici e social*, Torino.
- CARNEIRO, André (2019a): «La vivencia en las *villae*: de las descripciones literarias a los espacios y programas decorativos en *Lusitania*», en TOMÁS GARCÍA, Jorge y DEL PRETE, Vanessa (Ed.): *Imágenes, lengua y creencias en Lusitania romana*, Oxford, pp. 5-15.

- (2019b): «Território, poder e controlo. A dinâmica da Igreja e dos seus agentes nas actividades económicas da Lusitania durante a Antiguidade Tardia», en LÓPEZ VILA, Jordi (Ed.): Tarraco Biennial. Actes 4^o Congrès Internacional d'Arqueologia i Món Antic – VII Reunió d'Arqueologia Cristiana Hispànica, Tarragona, pp. 371-376
- (2017): «O final das *villae* na Lusitânia romana. O exemplo da Horta da Torre (Fronteira)», *Urbs Regia*, 2, pp. 56-59.
- (en prensa a): «Horta da Torre roman *villa* (Fronteira) and the monumentalization in *Lusitania's* rural landscape», en *III Convegno Internazionale del CISEM*, Bari.
- (en prensa b): «Adaptation to change in rural *Lusitania*: some considerations about the case study in the Roman *villa* of Horta da Torre (Fronteira, Portugal) according to the contribution of archeozoology», *European Journal of Postclassical Archaeologies*.
- CARNEIRO, André; GARCÍA SÁNCHEZ, Jesús; STEK T. D.; KALKIERS, Rogier (2019): «Primeiros resultados do *Fronteira Landscape Project*: a Arqueologia da paisagem romana no Alto Alentejo», *Al-Madan online*, 22/3, pp. 46-54.
- CARRIÉ, Jean-Michele (2003), «Aspects concrets de la vie monétaire en Province», *Revue Numismatique*, 159, pp. 175 – 203.
- CASTRORAO BARBA, Angelo (2014): «Continuità topografica in discontinuità funzionale: trasformazioni e riusi delle ville romane in Italia tra III e VIII secolo», *European Journal of PostClassical Archaeologies*, 4, pp. 259-296.
- CEPEDA, Juan José (2000): «*Maiorina Gloria Romanorum*. Monedas, tesoros y áreas de circulación en Hispania en el tránsito del siglo IV al siglo V», *AEspA*, 73, pp. 161-192.
- CHAVARRÍA ARNAU, Alexandra. (2013): «¿Castillos en el aire? Paradigmas interpretativos “de moda” en la arqueología medieval española», en *De Mahoma a Carlomagno: los primeros tiempos (siglos VII-IX) – XXXIX Semana de Estudios Medievales de Esella*, 17-20 julio de 2012, Estella, pp. 131-166.
- DAHÍ ELENA, Sarah (2007): «Un contexto cerámico de la Antigüedad tardía: el yacimiento de San Pelayo (Aldealengua, Salamanca). Nuevos datos sobre la cronología de las pizarras visigodas», *Pyrenae*, 38/1, pp. 79-104.
- DAHÍ ELENA, Sarah y MARTÍN CHAMOSO, María Concepción (2012): «Un vaso de terra sigillata hispánica tardía con decoración singular procedente de la Villa romana de Saelices El chico (Salamanca, España)», *AEspA*, 85, pp. 221-228.
- DÍAZ, Pablo y MARTÍN VISO, Iñiqui (2011): «Una contabilidad esquiva: las pizarras numerales visigodas y el caso de El Cortinal de San Juan», en DÍAZ, Pablo y MARTÍN VISO, Iñiqui (Eds), *Between taxation and rent: fiscal problems from late Antiquity to early Middle Ages*, Bari, pp. 221-250.

- FABIÃO, Carlos (2009): «O Ocidente da Península Ibérica no século VI: sobre o pentanommium de Justiniano I encontrado na unidade de produção de preparados de peixe da Casa do Governador da Torre de Belém, Lisboa», *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 4, pp. 25-50.
- GARCÍA FIGUEROLA, Miguel (1999): *Cuatro estudios sobre AE2 teodosiano y su circulación en Hispania*, Oxford.
- LANCHA, Janine; ANDRÉ, Pierre (2000): *Corpus dos mosaicos romanos de Portugal. II – Conventus Pacensis. 1 – A villa de Torre de Palma*, Lisboa.
- MAROT, Teresa (1997): «Aproximación a la circulación monetaria en la Península Ibérica y las islas Baleares durante los siglos V y VI», *Revue numismatique*, 152, pp. 157-190.
- (2000-2001): «La Península Ibérica en los siglos V-VI: consideraciones sobre provisión, circulación y usos monetarios», *Pyrenae*, 32, pp. 133-160.
- MELKATF, David (1988): «For what purposes were Suevic and Visigothic tremisses used? The contribution of topographical analysis, illustrated by some comments on single finds from alentejo, and on the mint of Elvora», in MARQUES, Mario y CRUSAFONT, Miquel (Eds), *Problems of Medieval Coinage in the Iberian Area*, Santarem, pp. 15-34.
- MUNRO, Beth (2012): «Recycling, demand for materials, and landownership at villas in Italy and western provinces in late antiquity», *Journal of Roman Archaeology*, 25, pp. 351-370.
- RASCÓN MARQUÉS, Sebastian; MÉNDEZ MADARIAGA, Álvaro; DÍAZ DEL RÍO, Pilar (1991): «La reocupación del mosaico del auriga victorioso en la villa romana de El Val (Alcalá de Henares). Un estudio de microespacio», *Arqueología, Paleontología y Etnografía* 1, Madrid, pp. 181-200.
- RATHBONE, Dominic (1991): *Economic rationalism and rural society in third-century AD Egypt. The Heroninus archive and the Appianys Estate*, Cambridge.
- RIPOLLÈS ALEGRE, Pere Pau (2002): «La moneda romana imperial y su circulación en Hispania», *AEspA*, 75, pp. 195-214.
- SALVADORI, Frank (2011): «Zooarcheologia e controllo delle risorse economiche locali nel medioevo», *European Journal of Post-Classical Archaeologies* 1, pp. 195-244.
- SANTOS, Cesar (2009): *Villa romana da Quinta de São João/Laranjeira: enquadramento estratigráfico dos materiais datantes*, Tesis de Máster en Arqueología, Universidade de Lisboa, A.A. 2008-2009.
- VALENTE, Maria João; CARNEIRO, André (en prensa), «Entre a pecuária e a caça: dados preliminares da fauna de vertebrados da villa romana da Horta da Torre (Fronteira)», en *O mundo animal na romanização da Península Ibérica*.
- VOLPE, Giuliano (2019): «Lussi urbani in campagna. Paesaggi rurali in città» en Modolo Mirco, Pallecchi Silvia., Volpe Giuliano y Zaninin, Eurico. (Ed), *Una lezione di Archaeologia globale. Studi in onore di Daniele Manacord*, Bari, pp. 215-227.